

A ORIGINALIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Rodrigo Moura Lima de Aragão¹

INTRODUÇÃO

A originalidade é característica essencial para a publicação de textos em revistas científicas sérias e constitui traço indispensável para que frutos de esforços investigativos se aproximem da imortalidade. Sobrepujar a barreira do efêmero requer, não há dúvida, a expressão do novo – a proposição de ideias, modelos, teorias originais. Ou, sob outro ângulo: exige que se evite a repetição.

Apesar de sua importância, a originalidade parece subjugada hoje. A reprodução, sua principal rival, torna-se mais vigorosa a cada segundo e ri, com diabolismo, de seu abatimento. A crescente disponibilização de dados, informações, textos na Internet e os avanços nos sistemas de busca *on-line*, que permitem aos usuários localizar com (certa) eficiência materiais diversos, servem de alimento para a rerepresentação do velho. Além disso, a incorporação da máxima *publish or perish*

¹ Bacharel em Propaganda, Publicidade e Criação pela Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2002), especialização em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (2005), bacharel em Letras, Português e Japonês, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2009), licenciado em Letras, Português, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2011) e mestre em Letras, Filologia e Língua Portuguesa, também pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2012). Concluiu o Curso de Treinamento em Língua e Cultura Japonesa da Universidade de Hokkaido (2008) como bolsista do Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia do Japão. Atualmente, é professor na Faculdade de Tecnologia de Itaquera e mestrando em Língua, Literatura e Cultura Japonesa na Universidade de São Paulo.

por parte das instituições de ensino superior brasileiras e o vertiginoso aumento das revistas científicas eletrônicas muitas vezes estimulam ou favorecem uma produção estéril, burocrática, que é reduto da repetição. Publica-se para satisfazer exigências institucionais e não para dar vazão à energia criadora que move o espírito científico. Com o ventre intelectual vazio, simula-se a geração de vida tal qual o famigerado Frankenstein: reproduzem-se ideias de fontes várias e ganham contornos apenas corpos não originais. Ainda, com o crescimento dos periódicos científicos *on-line*, há notável incremento numérico na produção científica do país, mas não substancial – textos que, a princípio, nunca viriam a público por carecerem de, entre outros atributos, originalidade passam a ter revistas de pouca expressão como veículo.

A repetição desenfreada forma uma massa de trabalhos vãos que ofusca os textos de mérito e dificulta o ofício do pesquisador. Mesmo que despreze dezenas de textos com a análise de resumos e resenhas, o estudioso terá como resultado provável da leitura de outras tantas dezenas a constatação de que pouco ou nada falam. É mister reverter esse quadro. Levar a produção científica brasileira a um patamar em que a originalidade seja norma, e não exceção consiste em tarefa urgente.

Este ensaio é, em essência, uma tentativa de contribuição para esse fim. Apresentam-se e avaliam-se, neste texto, três vias para alcançar a originalidade na produção científica. Ainda, são feitos apontamentos sobre como estimular o trânsito por esses caminhos, isto é, sobre como impulsionar a originalidade.

OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA

Antes de abordar as vias para alcançar a originalidade na produção científica, é necessário discorrer brevemente acerca de dois elementos fundamentais da pesquisa e da escrita científica: o objeto e o problema de pesquisa.

Primeiro, o objeto. Basicamente, o tema ou assunto de uma investigação, quando expresso de maneira específica, corresponde ao objeto. Em se tratando de pesquisas abrangentes, a equivalência entre um e outro é possível, contudo, normalmente o tema é compreensivo e o objeto, particular. Outro modo de enxergá-lo é como a resposta mais breve, direta e completa à pergunta: a respeito do que o estudo versa? Em geral, o objeto não coincide com o material, fenômeno, grupo de indivíduos ou organização que é alvo do exame do pesquisador. Ao passo que a doença pulmonar obstrutiva crônica é um objeto, sujeitos portadores e não portadores dessa doença compõem grupos de indivíduos que são submetidos à análise daquele que se dedica à investigação. Enquanto estratégias de promoção de produtos em redes sociais da Internet são um objeto, o conteúdo das páginas publicadas em tais redes constitui o *corpus* do pesquisador. Pode-se dizer que o objeto tem natureza menos concreta, mais teórica.

Segundo, o problema. Fundamentalmente, o quebra-cabeça no qual o objeto está enredado corresponde ao problema de pesquisa. É comum que o problema ganhe contornos com a associação do objeto a outros elementos ou variáveis de primeira grandeza da investigação. Habitualmente, ele é melhor expresso por uma pergunta (chamada muitas vezes de pergunta de pesquisa). Ainda, o problema pode estar implícito em um objetivo ou série de hipóteses. Isso porque, não raro, objetivos exprimem a intenção de solucionar ou de contribuir para a solução de um quebra-cabeça e porque

hipóteses, a rigor, são respostas possíveis a perguntas de pesquisa. Ou seja, pode-se inferir o problema a partir delas. Não há equívoco em afirmar que o problema é, por excelência, uma conjuntura motivadora de pesquisa. Entretanto, normalmente ele não se iguala ao problema real que muitas vezes serve de justificativa para um trabalho. A ausência de *feedback* a candidatos preteridos em processos de seleção de empresas de grande porte, por exemplo, constitui um problema real que poderia justificar um estudo. Tal ausência, contudo, dificilmente alcançaria a dimensão de problema de pesquisa. Este teria mais a ver com alguma contradição ou lacuna presente nos modelos, teorias, conceitos ou leituras que se referem ao *modus operandi* de recursos humanos.

Posto isso, rumo às vias.

VIAS PARA A ORIGINALIDADE

Reconhecem-se três vias principais para alcançar a originalidade na produção científica. A primeira consiste em examinar um objeto não pesquisado. Ora, se ninguém se deteve sobre determinado objeto, logo toda contribuição a seu respeito será inevitavelmente original.

Em uma era como a corrente, em que novas tecnologias emergem e se espalham pelo mundo em um piscar de olhos, em que crescem em frequência e intensidade os intercâmbios culturais, econômicos, organizacionais, em que diferentes interações humanas migram para ou se mesclam com o ambiente virtual, não é difícil identificar objetos inexplorados. São praticamente infinitos os temas não investigados que se relacionam, por exemplo, com as ações de comunicação de organizações na Internet, com a inserção de empresas brasileiras em territórios estrangeiros ou com a eficácia de mensagens promocionais em telefones móveis. Com tantas possibilidades, não é

exagero afirmar que a primeira via é a mais simples para gerar o novo.

Além da simplicidade, esse caminho oferece outra vantagem ao pesquisador: permite assumir uma posição de autoridade. Tal como uma empresa que coloca um produto inédito no mercado e, assim, desempenha (ainda que momentaneamente) o papel de líder, o estudioso que se volta a um objeto inexplorado adquire *status* privilegiado. Por isso, recebe tributos na forma de citações. Seus sucessores têm de ponderar suas proposições e descobertas, seja para negá-las, reafirmá-las ou ajustá-las, o que implica citar. Ignorar o pioneiro é ignorar o que se sabe sobre o objeto, e isso não é permitido àqueles que vêm depois.

A primeira via para a originalidade, entretanto, não é livre de perigos. A ausência de estudos acerca de determinado assunto pode decorrer de importância diminuta ou nula. Ou seja, é possível que não haja trabalhos investigativos relacionados a certo objeto simplesmente porque sua relevância é mínima ou inexistente. Debruçar-se sobre ele não passaria, pois, de mero desperdício. O pesquisador precisa, então, de sensibilidade aguçada para identificar objetos relevantes e, assim, empreender esforços investigativos que tenham serventia para a humanidade. Ele deve transitar pela intersecção entre o novo e o indispensável.

Apesar da importância dos objetos intatos, a ciência, o conhecimento obviamente não tem a ver apenas com aquilo que nunca foi estudado. A continuidade é um pressuposto comum à produção científica, à geração de conhecimento, e é visível especialmente nas duas outras vias para alcançar a originalidade.

O segundo caminho para elaborar algo novo envolve examinar um problema até então ignorado a respeito de um objeto já conhecido.

Nessa rota, a continuidade faz-se presente pela manutenção do objeto.

Se houver, por exemplo, estudos concluídos e publicados que buscaram respostas às perguntas “Quais estratégias de ensino proporcionam um aprendizado mais sólido dos fundamentos de *marketing*?” e “Quais componentes as estratégias de ensino que estimulam o desenvolvimento de competências básicas para a prática de *marketing* têm?”, um pesquisador poderá indagar, partindo da literatura científica de educação, em que medida o professor é responsável pelo êxito das estratégias de ensino usadas em aulas de *marketing*. Isto é, mantém-se o objeto (estratégias de ensino de *marketing*), mas se formula outro problema, outra questão.

De certa forma, essa via conduz à geração do novo com menor risco que a anterior, uma vez que a existência de trabalhos finalizados e publicados sobre certo objeto é, em geral, um indicativo relativamente confiável de sua relevância. A possibilidade de desenvolver um estudo solitário é comparativamente pequena.

Examinar problemas novos de objetos já conhecidos, no entanto, consiste em percurso talvez mais árduo que a investigação de objetos inexplorados. Isso porque exige que se resgatem proposições passadas relevantes. Não se trata de representar o objeto em uma folha vazia, mas de acrescentar a uma folha já riscada e amassada retratos novos. É preciso corroborar, negar, reformular afirmações presentes nos trabalhos anteriores. Por conseguinte, é uma via que demanda tato do pesquisador para identificar autores e proposições fundamentais. Não basta verificar quem é mais citado, é preciso separar as autoridades dos estudiosos de importância secundária e peneirar seus textos para encontrar peças de valor autêntico.



Finalmente, a terceira via para alcançar a originalidade é aquela em que o pesquisador investiga um objeto e um problema conhecidos com uma abordagem, método ou técnica nova. A continuidade faz-se presente nessa rota pela manutenção tanto do objeto quanto do problema.

Se existirem trabalhos investigativos concluídos e publicados acerca das mudanças provocadas no ofício do pesquisador brasileiro pelas ações de internacionalização das instituições de ensino superior nacionais, mais especificamente, estudos acabados em circulação que, mediante questionários respondidos por pesquisadores, evidenciem tais mudanças, serão originais investigações direcionadas ao mesmo objeto e à mesma indagação que tenham estratégias distintas – por exemplo, investigações que envolvam a realização de entrevistas com pesquisadores brasileiros ou que recorram a editoriais de periódicos científicos nacionais relacionados ao assunto. Ainda, caso os trabalhos passados tenham se fundamentado em princípios e modelos das ciências sociais, uma pesquisa que tenha como base a psicologia gerará novidade.

Esse caminho é seguro se considerada sua ligação com as pesquisas anteriores. O risco de abordar um objeto e um problema sem importância é mínimo. Por outro lado, há o perigo de gerar pouca novidade, uma vez que apenas os meios são diversos em relação ao que foi produzido até então. A fim de afastar esse perigo, ousadia e criatividade são necessárias ao pesquisador. Com a projeção desses atributos sobre o plano, execução, análise e comunicação de uma investigação, respostas originais para problemas conhecidos são um *output* provável. Excessos de ousadia e criatividade, contudo, devem ser evitados, do contrário os esforços investigativos realizados podem ser vistos como um reflexo de alienação, e não de genialidade.

COMO IMPULSIONAR A ORIGINALIDADE?

Três caminhos para alcançar a originalidade na produção científica foram apresentados e avaliados: o exame de um objeto ignorado, o estudo de um problema novo acerca de um objeto conhecido e a investigação de um problema já estudado referente a um objeto conhecido mediante uma estratégia nova. Encerra-se este ensaio com apontamentos acerca de como a transição por essas vias pode ser estimulada, ou seja, de como é possível impulsionar a originalidade. São consideradas aqui três esferas relacionadas ao assunto: a do indivíduo que pesquisa, a das instituições em que as investigações são realizadas e a dos organismos que financiam os projetos de pesquisa.

Quanto ao indivíduo, ao pesquisador, dois traços parecem determinantes para que ele percorra as vias expostas: sensibilidade e inventividade. É preciso ser sensível para enxergar um objeto ou problema ignorado; é necessário ser inventivo para propor estratégias novas de pesquisa.

O primeiro traço requer do pesquisador a percepção de quem se depara com um mundo estranho, isto é, o olhar de Adão. Esse olhar é desenvolvido com o cultivo no cotidiano de um espírito inquisitivo, com o qual a automatização não se instaura. Ainda, imersões em ambientes cultural, linguística e cientificamente alienígenas podem despertá-lo, uma vez que, ao voltar ao seu ambiente de origem, o indivíduo normalmente o percebe de modo diverso, tal como um estrangeiro.

A inventividade, por sua vez, exige do pesquisador a preservação de sua essência criadora, o que demanda a disciplina de absorver e de gerar ideias, princípios, modelos sem autoanulação, ou seja, aplicando e exprimindo o eu. Além disso, esse traço demanda a exposição a

estímulos diversos, como teorias e *modus operandi* de disciplinas diferentes. A essência criadora é combustível e os estímulos são faíscas; juntos, geram o fogo da inventividade, que concorre para uma produção original.

No que se refere às instituições em que as pesquisas são desenvolvidas, seu papel é acolher as propostas originais de investigação dos indivíduos. Para tanto, os traços que parecem determinantes são flexibilidade e iniciativa de socialização. Se houver, por exemplo, linhas de pesquisa, é importante que exista a alternativa de não se vincular a elas na instituição. Isso porque, ao se relacionar a uma linha, o indivíduo muitas vezes submete-se a uma corrente teórica ou abordagem investigativa específica e, com isso, lesa sua essência criadora. A hierarquia da estruturação do estudo é invertida, tornando-se o pesquisador mero servo, com potencial reduzido de gerar novidade. Para acolher ideias novas, flexibilidade é fundamental.

Além disso, iniciativa de socialização é indispensável. As instituições em que as pesquisas são feitas devem estimular o diálogo entre áreas do conhecimento, disciplinas, instituições, regiões e países como forma de favorecer a originalidade. Um pesquisador de administração, por exemplo, pode ter *insights* valiosos para seus projetos ao ter contato com princípios e métodos próprios aos estudos linguísticos. É possível que um estudante de pós-graduação proponha estratégias novas para seu estudo após frequentar aulas em uma instituição de ensino diferente da sua. Um pesquisador brasileiro especializado em comunicação pode ser capaz de formular problemas novos depois de dialogar com pares japoneses. As instituições devem criar e autorizar situações de interlocução e de imersão a fim de

contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade e da inventividade de seus indivíduos.

Por último, no que diz respeito aos organismos que financiam os projetos de pesquisa, sua função primordial é permitir que estudos originais sejam levados a termo. Para tanto, flexibilidade é um traço necessário também a esses organismos. A fim de que propostas investigativas novas tenham espaço, eles não devem impor restrições temáticas, teóricas ou metodológicas excessivamente rigorosas. Em editais e outros documentos que estabelecem regras para a concessão de financiamentos, é imprescindível que mantenham as portas abertas ao original. Seu texto não deve ser vago a ponto de impossibilitar a identificação do escopo de pesquisa em questão, mas também não pode ser tão específico e preciso a ponto de obstruir o exame de objetos ou problemas intatos e o estudo de objetos e problemas conhecidos por meio de estratégias novas.

Ademais, outro traço indispensável a esses organismos é a competência de reconhecer e recompensar a originalidade. Os organismos que financiam projetos precisam ser capazes de identificar e premiar propostas novas, rejeitando os planos de pesquisa repetida. Isso precisa ser aplicado a toda proposta investigativa, independentemente do nível de formação do pesquisador responsável ou do(s) beneficiário(s), porque assumir a originalidade como um atributo restrito a pesquisas de certo grau só favorece a reprodução. Para que a originalidade se torne regra, é preciso que o estímulo ao novo se dê desde a iniciação científica até projetos elaborados por professores e pesquisadores, o que implica a premiação da originalidade e o descarte da repetição.